

P.e André Beato

Sabia que a Festa da Sagrada Família é celebrada na Oitava de Natal há 55 anos?

Foi há 55 anos! Estávamos no pontificado do Papa Paulo VI, quando entrou em vigor o novo e atual Calendário Litúrgico (1969). Com ele fixou-se a Festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José no Domingo dentro da Oitava de Natal, ou na falta dele, na sexta-feira da Oitava de Natal (30 de dezembro), como acontece naqueles anos em que o Natal ocorre ao Domingo. A reforma do Vaticano II quis associar esta Festa ao Domingo natalício resultando assim numa nova configuração litúrgica deste dia e da própria celebração da Oitava de Natal.

Mas até chegarmos à criação de uma Festa dedicada à Sagrada Família de Nazaré e a sua celebração litúrgica dentro da Oitava de Natal, percorreu-se um caminho desde a génese do culto devocional e particular até à sua entrada oficial no calendário litúrgico romano.

Para percebermos as origens de um culto singular à Sagrada Família precisamos recuar até aos séculos XVI-XVII, nomeadamente em alguns países europeus. Nesta altura, ainda não podemos falar de uma festa litúrgica oficial, isto é, de uma festa com formulários próprios para a missa, uma vez que ainda não tinha entrado no calendário Romano, cingindo-se apenas a uma celebração de cariz popular, celebrada a título privado por movimentos, pelas associações católicas e também por algumas comunidades cristãs, onde a devoção era mais expressiva.

Com o início da evangelização das novas terras de missão assistiu-se a um grande desenvolvimento da veneração à Sagrada Família, particularmente no Canadá, com o primeiro bispo de Québec, Francisco Montmorency-Laval (1623-1708), que promoveu esta devoção junto das famílias com a celebração de uma festa,

convidando-as a seguir o modelo do lar de Nazaré. Mas é, sobretudo, nos séculos XIX e XX que a devoção ganha ainda mais força e dinamismo, particularmente com a criação de novas congregações religiosas e associações familiares. É neste contexto que surgem, um pouco por todo o ano litúrgico, novenas e várias comemorações festivas, em alguns locais durante os domingos do Tempo Pascal, no mês de Maio e também temos notícias no mês de Novembro.



No ano de 1893, Leão XIII, um Papa dedicado à causa familiar e com uma grande devoção à Sagrada Família, depois de ter criado a Associação Universal da Sagrada Família, decidiu instituir uma festa titular no terceiro domingo após a Solenidade da Epifania (6 de janeiro), reunindo as várias associações numa só e unificando as celebrações existentes num só dia litúrgico, embora ainda a nível particular, isto é, para a cidade de Roma, em algumas dioceses e congregações religiosas.

Durante o pontificado do Papa Pio X (1903-1914) transferiu-se a festa para um dia ferial

do mês de janeiro. Mas pouco tempo depois, o Papa Bento XV, em 1921, através do decreto *Sanctissimus Dominus*, elevou a festa ao carácter universal estendendo-a a toda a Igreja, escolhendo um novo dia litúrgico: o Domingo dentro da Oitava da Epifania. Assim foi celebrada neste Domingo até ao ano de 1969, quando a reforma conciliar a quis introduzir na Oitava de Natal, o coração deste tempo litúrgico.

Podemos assim dizer que a Sagrada Família está dentro da realidade das festas de devoção popular, que se centra na contemplação e veneração do Deus Menino, de Maria, sua mãe, e de São José. Porém, não podemos enquadrá-la exclusivamente numa experiência espiritual de piedade devocional, mas também colocá-la dentro do grupo das festas que, num certo sentido, nasceram da visão teológico-devocional que quer, essencialmente, sublinhar e celebrar uma das dimensões inerentes à celebração do Natal do Senhor, isto é, o acontecimento do nascimento do Verbo na realidade concreta de uma família humana, na qual o Salvador realiza a mediação entre Deus e a humanidade. A Festa da Sagrada Família acentua a visão teológica do mistério da Encarnação do Verbo. A sua recordação litúrgica neste contexto da Oitava de Natal tem, por isso, uma verdadeira capacidade anamnética, de reler os acontecimentos dando-lhes sentido no projeto de Deus, dos acontecimentos natalícios.

Nos três ciclos litúrgicos podemos contemplar diferentes quadros da infância de Jesus: no Ano A lemos a «Fuga para o Egipto» (Mt 2, 13-15.19-23); no Ano B a perícopa alusiva à «Apresentação do Menino no Templo» (Lc 2, 22-40) e este ano, o Ano C, contemplamos a passagem: «A perda e o encontro de Jesus entre dos Doutores da Lei» (Lc 2, 41-52).

PALAVRA COM VIDA

DOMINGO da SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ
Jesus é encontrado por seus pais no meio dos doutores

P.e Nuno Folgado

Depois de vivermos intensamente o nascimento do MENINO que nos foi dado, nos dias 24 e 25, início da Oitava de Natal, focados e centrados n'Ele, nos sinais que ajudam a identifica-l'O - a manjedoura e os panos (cfr. Lc 2) - a liturgia, neste domingo dentro da oitava, convida-nos a darmos um passo atrás e a olharmos para o contexto humano do nascimento de Jesus.

O nascimento de Jesus foi um acontecimento familiar, com impacto enorme na vida dos pais que, sem deixarem de ser quem são, se transformam totalmente e vêem o centro da sua existência deslocado para fora de si mesmo e posto numa vida que, a princípio se confunde com a deles, mas que vai ganhando autonomia e diferença e que chegará a pontos de se descobrir por oposição a eles como se vê na passagem do Evangelho deste Domingo (Lc 2, 41-52).

"A DEUS NADA É IMPOSSÍVEL" (Lc1) foi a resposta do Arcanjo a Maria, e por isso Jesus poderia ter aparecido na terra de qualquer (outra) forma. Poderia ter correspondido às expectativas dos que pensavam que ninguém saberia de onde vinha o Messias (Jo 7,25), poderia ter aparecido num carro de fogo como esperavam que Elias voltasse (Jo 1, 21). As possibilidades são infinitas, mas o plano de Deus é um só e esse passou por fazer o seu Filho Unigénito nascer numa família.

Este nascimento, crescimento e educação numa família real e concreta da qual sabemos os nomes e partes da história é condição para uma outra afirmação da nossa Fé. Jesus, o verbo que habitou e se carne (Jo1) é verdadeiro Deus e verdadeiro homem e para que isto fosse possível pertencer a uma família humana, partilhar a sua vida, as suas crenças, as suas tribulações e os seus sucessos é condição *sine qua non*. É a família que nos humaniza, sem a família - biológica, adotiva ou substitutiva - se sobrevivêssemos, pouco mais do que bichos seríamos como relatam os casos das crianças criadas por animais.

A Sagrada Família, a meio do dia de Natal, serve assim este propósito de nos dizer que Jesus é Verdadeiro Deus, porque Filho do

eterno Pai, Verdadeiro Homem, porque filho de Maria e de José que com ele formam a Sagrada Família de Nazaré.

A leitura do Livro de Ben-Sirá dá nota dos planos de Deus para a humanidade, já na primeira aliança, a família como célula funcional de crescimento e amadurecimento, como lugar seguro ao longo de toda a vida, desde o nascimento até à morte natural, tantas vezes antecedida pelo "enfraquecimento da mente" que não deve ser ocasião de desprezo mas de especial cuidado.

Na Epístola aos Colossenses, o apóstolo Paulo tenta responder à pergunta: como devem os cristão viver em família? Que consequências tem o meu batismo na relação com aqueles com quem partilho o sangue e o pão?

A palavra que parece ter envelhecido mal "Esposas, sede submissas aos vossos maridos" (Col3,18a) aparece em contraposição ao "maridos, amai as esposas" (Col3,18b) e ambos no contexto do amor com que Cristo nos amou. Ele que "não se valeu da sua igualdade com Deus mas humilhou-se a si próprio" (Fil 2,6.7), ensinando que AMAR como Ele AMOU é submetermos ao bem do outro como Ele ao nosso, "até à morte e morte de Cruz". (Fil 2,8). Se o amor que é pedido aos maridos é o AMOR cristão, aquilo que é pedido a ambos é o mesmo, a submissão ao bem do outro.

Mais ainda nos ajuda a perceber o que Paulo pede com aquele repto a maridos e esposas, quando ouvimos, quase a fechar a passagem do Evangelho que "Jesus desceu então com eles para Nazaré e era-lhes submisso" (LC 2, 51). Se Ele, pelo qual todas as coisas foram criadas (Jo1), era submisso a duas criaturas, não nos falte a nós o amor para, na família e fora dela, amarmos como somos amados por Deus e colocarmos o centro do que dizemos, fazemos, calamos e escolhemos no bem do outro e assim multiplicarmos ao infinito as razões do nosso contentamento.

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Na Festa litúrgica da Sagrada Família, em comunhão com todas as Dioceses do mundo, fazemos a abertura solene do Jubileu 2025. Somos a Família humana animada pela esperança! Esta esperança que não engana nem conhece ocaso é a mensagem central do Jubileu, a esperança em Deus. Se desejamos que este Ano Santo seja para todos um tempo de encontro vivo e pessoal com o Senhor Jesus, também o desejamos, do fundo do coração, que o seja portas dentro cada família e a partir de cada família.

Afirma Francisco: 'Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade'. No entanto, 'no coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem'. Por isso, há que reanimar a esperança! Por mais fortes que sejam as tempestades da vida 'nunca poderão prevalecer, porque estamos ancorados na esperança da graça, capaz de nos fazer viver em Cristo, superando o pecado, o medo e a morte'. Esta esperança 'transporta-nos para além das provações e exorta-nos a caminhar sem perder de vista a grandeza da meta a que somos chamados: o Céu'.

Que a nossa vida fale por si, torne contagiada a esperança e cada um possa dizer ao outro, com alegria e entusiasmo convincentes: 'Confia no Senhor! Sê forte e corajoso, e confia no Senhor' (Sal 27, 14).



475 ANOS
BISPADO
PORTALEGRE